

VOTO DE PESAR

Pedro da Silveira deixou-nos.

Natural da freguesia da Fajã Grande, ilha das Flores, onde nasceu em 5 de Setembro de 1922, Pedro Laureano de Mendonça da Silveira faleceu aos 80 anos, em Lisboa, no passado dia 13 de Abril.

Concluída a instrução primária na escola da terra que lhe serviu de berço, frequentou durante um ano o Seminário de Angra do Heroísmo. Completou os estudos liceais naquela cidade e em Ponta Delgada, onde iniciou a sua participação na vida literária.

Fixou-se definitivamente em Lisboa no ano de 1951.

Pedro da Silveira foi agricultor, escriturário, delegado de informação médica, historiador, tradutor e bibliotecário.

Foi também jornalista, tendo numerosa colaboração dispersa por jornais e revistas como “O Comércio do Porto”, “O Primeiro de Janeiro”, “Vértice”, “O Diabo”, “Seara Nova”, “Colóquio-Letras” e ainda no “Diário dos Açores”, no Jornal O Monchique” e na “Revista Municipal das Lajes das Flores”, bem como alguns estudos sobre a história e o folclore dos Açores, em publicações da especialidade.

Mas Pedro da Silveira distinguiu-se sobretudo como poeta, dando à estampa uma vasta obra de poesia e de investigação, nomeadamente sobre Cesário Verde e Roberto Mesquita.

Em 1952 publicou em Lisboa “A Ilha e o Mundo”, a sua primeira colectânea de poesia, a que se seguiu “Sinais do Oeste”, editado em Coimbra em 1961. “José

Leite de Vasconcelos nas Ilhas de Baixo”, “Corografias” e “Antologia da Poesia Açoriana do Século XVIII a 1975”, são outras das mais importantes publicações de Pedro da Silveira.

Apesar do seu cosmopolitismo e abertura aos mundos e às correntes, na lírica de Pedro da Silveira, realista, concisa e anti-retórica, está bem presente a marca da sua condição de ilhéu, da sua mudividência insular e açórica, traduzida de modo exemplar no poema que dá precisamente pelo nome de

Ilha

Só isto:

**O céu fechado,
uma ganhoa pairando.**

**Mar. E um barco na distância:
olhos de fome a adivinhar-lhe à proa
Califórnia perdidas de abundância.**

Testemunha de um século, vivido entre os presos políticos das Flores (onde conheceu João Soares), os anarquistas da Terceira (onde foi companheiro de Nemésio no núcleo local da Juventude Anarco-Sindicalista) e os escritores de Lisboa, exímio contador de histórias, Pedro da Silveira tinha várias obras em preparação e havia já começado a reunir em livro as suas memórias.

E, subitamente, partiu.

A sua partida deixou mais pobres as letras e a cultura de Portugal e dos Açores. A excelência da sua obra constitui garantia da perenidade da sua memória.

Assim, nos termos estatutários e regimentais aplicáveis, a Assembleia Legislativa Regional dos Açores, reunida na cidade da Horta, emite um Voto de Pesar pelo falecimento do poeta e cidadão Pedro da Silveira.



Horta, 13 de Maio de 2003

Os Deputados Regionais do PS,